

LEITURA DE PIADAS: HUMOR E COMPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO

Dirlei Toebe¹

Onici Claro Flôres²

RESUMO

O presente trabalho volta-se à apreensão do humor e à inclinação humana para o cômico. Na verdade, esse tema pode ser abordado em termos amplos ou restritos. No sentido amplo, aplica-se à literatura, palavra ou texto de todo gênero e tipo cujo objetivo maior seja divertir ou causar riso. Aqui, as pretensões são bem modestas. A proposição é analisar piadas e, para tanto, o presente estudo se organiza em duas partes: primeiro, faz uma descrição dos ingredientes linguísticos responsáveis pelo humor, os quais são explicitados posteriormente na leitura das piadas selecionadas para a investigação, e, através da descrição desses gatilhos, orienta a interpretação desse gênero textual, ancorando-se na existência de um sentido básico, primeiro – o sentido literal. Em segundo lugar, é feita a análise de algumas piadas, explicitando-se a “armadilha” linguística a ser desvendada pela atividade interpretativa.

Palavras-chave: Leitura de piadas. Humor. Compreensão/Interpretação.

INTRODUÇÃO

É comum as piadas serem tratadas como textos que devam ficar longe da sala de aula, visto que algumas delas são pesadas, de mau-gosto. Seu conteúdo pode ser preconceituoso e depreciativo, o que gera certo desconforto a pais e professores, desencorajando-os e levando-os a evitá-las no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, no contexto escolar.

Além do preconceito arraigado contra as piadas, elas são vistas como textos simples demais, às vezes até simplórios, não merecendo particular atenção

no que tange ao processamento cognitivo requerido. Engano. Segundo Possenti (1998 b, p. 40), as piadas “mesmo as mais simples são suficientemente complexas”. Então, se elas são entendidas é porque o conhecimento prévio, bem como a relação com outros textos (intertextualidade) foi articulado com o dado novo apresentado na piada lida e isso, gerou o entendimento, seguido de riso.

Assim, a piada instiga o leitor a interpretar, atividade cognitiva tão necessária e almejada pela escola para o desenvolvimento do leitor iniciante no seu processo de busca da cidadania, conforme estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). As piadas, portanto, são bons exemplos de um tipo de trabalho, centrado na busca de sentido, uma vez que para terem coerência – provocar o riso, o humor – é indispensável compreender e interpretar, caso contrário a comunicação não se efetiva, os objetivos do ato de fala não atingem suas condições de felicidade e, por isso mesmo, não há piada.

Flôres (2004, p. 56) reitera a posição de Possenti, anteriormente citado, afirmando que, em geral, “uma piada contém um elemento linguístico responsável pelo humor, tendo o texto, pelo menos, dois sentidos possíveis”. Assim, ao ler uma piada, o leitor, automaticamente, faz duas leituras; primeiro, daquilo que está óbvio (sentido literal) que ele logo descarta por não apresentar qualquer motivo de graça, e, em seguida, a leitura do sentido relevante - sentido intencionado, que se torna o dominante, ou seja, aquele buscado pelo texto.

Quanto ao sentido dominante ou ideológico, Possenti (1998 a, p. 38) esclarece que “as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor”, por isso a grande utilidade de seu uso como estratégia de compreensão para alunos de ensino fundamental e médio. Com isso, unem-se a compreensão leitora e o prazer da interpretação leitora regida pelo humor, pelo bom-humor, diga-se de passagem.

Para o uso de piadas como gênero textual em sala de aula, o professor necessita fazer uma seleção criteriosa, “dado o número das que devem ser excluídas” (POSSENTI, op. cit.), uma vez que só há piadas sobre temas polêmicos, isto é, sobre temas deflagradores de controvérsias, versando na maioria dos casos sobre sexo, política, racismo, loucura, morte, desgraça,

sofrimento, defeitos físicos, além de críticas ácidas e arrasadoras a instituições, profissões, etc.

Nesse sentido, as piadas, consoante Flôres (2004, p. 57), operam com “esteriótipos sociais e, na maioria das vezes, [como] veículos de um discurso censurado, subterrâneo ou mesmo preconceituoso”. São textos dos quais os leitores já esperam um “pega ratão”, um enigma a ser desvendado. Sabidamente, as piadas predispõem as pessoas a aceitar sem reservas e de bom grado, isto é, de “sangue doce” pontos de vista preconceituosos e estereotipados (contra loiras, velhos, gaúchos...) e, ainda rir da situação, o que, em outro gênero de texto, seria motivo de disputa e polêmica, ou até mesmo de confronto público.

Além do mais, no caso das piadas, o que está em jogo é um dado arranjo linguístico que propicia a superposição de duas alternativas de entendimento. Se alguém antecipa uma dada direção interpretativa e ela não se confirma, o leitor vê-se às voltas com a quebra de expectativa. Para que o leitor/ouvinte participe da interação e se divirta com o texto, é preciso apreender a presença do denotador linguístico, óbvio ou implícito, e somente a sua descoberta garantirá as duas interpretações possíveis.

Segundo estudos realizados por Possenti (1998 a, p.27), as piadas podem ser classificadas “com base nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico ou lexical, ou ainda, através da análise de mecanismos linguísticos, como pressuposição, inferência, dêixis, conhecimento prévio ou variação linguística envolvidos na produção do texto”. O comentário de Possenti faz um alerta à importância da **forma** nesse gênero textual. Ou seja, a língua tem de ser considerada em sua totalidade forma/conteúdo para que a piada atinja o seu objetivo de fazer rir. Além do mais, a piada é um texto que se caracteriza pela transgressão e pela necessidade de consideração do assim chamado sentido literal.

Os aspectos linguísticos mobilizados pelas piadas podem, em parte, contribuir para trabalhar com conceitos morfológicos, sintáticos etc. que se apresentam como conteúdos programáticos no cotidiano escolar e, além disso, são divertidas, o que não pode ser desconsiderado em tempos de estresse contínuo, como esses nos quais se vive comumente em nossos dias.

De acordo com Flôres (2004, p. 58 – 59), se alguém não entender uma piada, há dois fatores a serem considerados:

[...] conhecimento não compartilhado entre falante e ouvinte ou entre leitor e redator do texto; [...] falta de acuidade linguística para uma dada ocorrência da língua (consciência linguística).

Como, muitas vezes, se lê ou se conta uma piada e ela não é entendida, ou então alguém pergunta “acabou?”, realizou-se uma pequena investigação, a fim de explicitar os gatilhos linguísticos presentes em alguns textos de piadas. Tal trabalho foi realizado tendo em vista o interesse do público jovem (estudantes), em contar piadas nas rodas de amigos, como também em acessar a internet, ler almanaques ou seções jornalísticas especiais, para encontrá-las e poder rir um pouco.

Assim, seguem-se algumas piadas, das quais se apresenta o estopim acionado para a produção do riso, tendo em vista o cenário em que elas foram produzidas.

TEXTOS SELECIONADOS

I – MEMÓRIA

São duas velhinhas que todo o dia vêm passear no parque e se sentam no mesmo banco. E isso já dura mais de 10 anos. Até que, certa manhã, a mais nova diz à outra:

- Olha, não leves a mal a pergunta, mas depois destes anos todos eu não consigo me lembrar do teu nome. Tento lembrar, mas juro que não consigo.

A outra velhinha olha a primeira visivelmente aflita e leva dois minutos para responder:

- Você precisa dessa informação para quando?

(Zero Hora, 01 out. 2007.)

Esse texto provoca um risinho de comiseração, a partir da quebra de expectativa, isto é, da negação de um pressuposto. Claro, ninguém esperaria que uma pessoa pudesse esquecer seu próprio nome. Se a velhinha mais nova constrange-se em perguntar o nome da outra, considerando-se “gagá” por não ter uma boa memória para nomes, esta última, por sua vez, não consegue lembrar sequer o seu próprio nome, daí o toque hilário da situação.

II – MAFALDA

A professora solicita que Mafalda conjugue o verbo “confiar” no presente do indicativo.

- Eu confio, tu confias, ele confia...
- Nós confiamos, vós confiais, eles confiam.
- Que bando de ingênuos, não é?

(Projeto Araribá: português. Editora Moderna; 1 ed. SP: Moderna, 2006. p.117.)

Esse texto é humorístico pelo fato de destruir a hipótese da ingenuidade infantil a respeito das relações interpessoais e da tão propalada inocência das crianças (Possenti, 1998 a, p. 143). Nesse caso, Mafalda questiona, presumivelmente, o leitor, sobre o assunto “confiança nos outros” que os adultos não imaginam fazer parte do universo de interesses de uma criança. Veicula-se através dessa piada uma visão não conformista do mundo em que se vive e a desmistificação da pretensa falta de tino das crianças. Será que dá para confiar?

III – A MISSA

E Cabral descobriu o Brasil. Na madrugada seguinte o grumete foi acordá-lo:

- Dom Cabral, Dom Cabral, Frei Henrique de Coimbra mandou chamar o senhor para assistir a Primeira Missa!

E Cabral respondeu:

- Estou muito cansado. Diga a ele que vou na das dez.

(Ziraldo. Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã. SP: Melhoramentos, 1998. p.13.)

Para que essa piada possa ser entendida/interpretada e, conseqüentemente, produza riso, faz-se necessário conhecer a história da descoberta do Brasil (conhecimento enciclopédico). O aluno deve saber, pois, quem é Cabral, Pedro Álvares Cabral, o comandante da caravela que descobriu/encontrou o Brasil, não desconhecendo, ainda, quem foi Frei Henrique de Coimbra, celebrante da 1ª missa, quando no Brasil aportaram/chegaram. Adicionalmente, o aluno terá de inferir que naquela época, 1500, não havia horários alternados para a celebração de missas. Então, segundo a piada, a conclusão óbvia é que Cabral estava dando uma desculpa “esfarrapada” e que, de fato, não iria à missa alguma. Estava muito cansado.

IV – CARTA DO MENINO

Um menino de cinco anos queria ganhar 100 reais e rezou durante duas semanas para Deus. Como nada acontecia, ele resolveu mandar uma carta para o Todo-Poderoso com seu pedido.

O correio recebeu uma carta endereçada para “Deus-Brasil”. Resolveram mandá-la para o Lula.

Lula ficou comovido com o pedido e resolveu mandar uma nota de 10 reais para o menino, pois achou que 100 reais era muito dinheiro para uma criança pequena.

O garotinho recebeu os 10 reais e imediatamente notou o endereço do remetente: “Brasília-DF”. Pegou papel e caneta e sentou-se para escrever uma carta de agradecimento:

- Prezado Deus: Muito obrigado por me mandar o dinheiro que pedi, contudo, eu queria que, na próxima vez, o Senhor mandasse direto pro meu endereço, porque quando passa por Brasília, aqueles filhos de Deus ficam com 90%!!!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br> ,03/05/08)

Percebe-se de imediato que essa é uma piada política, dada à menção a Lula, Brasília e DF. O humor decorre de, no Brasil, ser voz corrente que os políticos são ladrões, sendo usual atribuir à classe política, a característica de ser corrupta. Assim, nessa piada, o pronome demonstrativo da sequência - *aqueles* filhos de Deus[...] que estão em Brasília - encarrega-se de recuperar essa ideia. No texto, a manifestação de uma personagem infantil, socialmente menos comprometida, dá o toque de veracidade. Supostamente as crianças dizem a verdade, daí a maior aceitação e credibilidade conferida a suas observações, algumas delas vedadas aos adultos, que podem ser responsabilizados judicialmente por formularem acusações sem provas.

V – HOMEM CERTO

O encarregado da seleção de um novo funcionário:

- Neste trabalho, precisamos de alguém que seja responsável.
- Sou a pessoa certa, chefe! – diz o candidato. – No meu emprego anterior, quando alguma coisa dava errado, todo mundo dizia que eu era o responsável.

(Zero Hora, 03 set. 2007.)

O humor dessa piada provém do duplo sentido atribuível ao adjetivo “responsável”. O chefe solicita um empregado responsável e, o candidato se intitula o responsável por tudo o que acontecia de errado em seu emprego anterior. Quanto a ser responsável tudo bem. O problema advém da consideração do complemento usado. Quem é responsável, responsabiliza-se por algo ou alguém. Ao responsável por algo negativo, não se atribui mérito algum e sim, descrédito.

VI - POUCA COISA

- Meu amigo, há quanto tempo, como vai?
- Não muito bem, morreu minha sogra na semana passada.
- Não diga! Meus sentimentos! O que é que ela tinha?
- Infelizmente, pouca coisa. Uma casa, duas lojinhas no centro da cidade e um terreninho no Interior...

(Zero Hora, 27 nov. 2007)

Aqui, de forma óbvia, está envolvida uma dupla possibilidade de complementação da forma verbal “tinha” (tinha o quê? problema de saúde, doença ou bens, posses). Como houve uma alteração dos complementos verbais, o humor se manifesta a partir da enumeração, feita pelo genro, dos bens econômicos, materiais deixados pela sua sogra e não, presumivelmente, pela resposta à pergunta do amigo que criava a expectativa de estar indagando a respeito da doença que vitimara a sogra dele.

VII – DEFINIÇÕES

- Como se chamam os homens que têm muitas mulheres?
- Polígamos.
- Como se chamam os que têm duas?
- Bígamos.
- E os que só têm uma?
- Monótonos.

(Zero Hora, 04 abr. 2008)

Nessa situação específica, o léxico é utilizado para provocar riso. O vocábulo “monótonos” foi usado no lugar de “monógamos”, que obviamente seria a palavra adequada. Para provocar o humor, no entanto, as palavras foram trocadas e os homens que só têm uma mulher foram chamados de monótonos. Em outras palavras, vivem uma rotina enfadonha, sem emoções. O que, de fato,

implica admitir adicionalmente que as “mulheres causam problemas aos homens” e “movimentam-lhes” a vida.

VIII – JOÃOZINHO E A LIÇÃO

Joãozinho chega para a professora e pergunta:

- Professora, alguém pode ser culpado por alguma coisa que não fez?
- Mas é claro que não, Joãozinho!
- Ufa! Eu não fiz o dever de casa.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br>, 03/05/08)

A tematização linguística dessa piada envolve o uso do pronome indefinido “alguém”, o verbo fazer e seu complemento. Joãozinho perguntara à professora se alguém poderia ser responsabilizado por alguma coisa que não fizera. Fazer e não fazer são tomados genericamente, sem qualquer explicação adicional. Claro, quem faz algo errado é culpado de algum tipo de atividade considerada inadequada. Porém, as pessoas não são cobradas apenas por terem feito coisas erradas. Elas também são responsabilizadas pelas suas omissões, ou seja, por terem deixado de fazer algo necessário. Ora, para ele, Joãozinho, esse alguém de quem ele falava era ele mesmo, mas para a professora, tratava-se de alguém desconhecido que não cometera nenhum delito, ou não fizera nada errado. Ao receber a resposta, entretanto, Joãozinho sentiu-se aliviado, “alguém” o salvara da culpa por deixar de fazer uma coisa que, de fato, deveria ter feito.

IX – VELHINHOS

Um velhinho à beira da morte, e sua esposa pergunta pra ele:

- Amor, você já me traiu alguma vez?
- Uma vez amor, você lembra da Dirce, minha secretária, há 40 anos atrás?

Pois é, aquele corpo já foi todinho meu. E você já me traiu amor?

- Lembra quando morávamos em frente a um batalhão de bombeiros? Pois é, aquele corpo já foi todinho meu.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br>, 03/05/08)

O texto IX explora a ambiguidade da palavra “corpo” e com isso, se torna muito engraçada. Na primeira menção da palavra, o velhinho moribundo declarou-se culpado de uma traição à esposa, e a palavra “corpo” significa (metonímia) a estrutura física da mulher em questão – da Dirce. Já, na segunda, equivale ao coletivo dos homens que trabalhavam como bombeiros numa dada época. Assim, dá para o leitor avaliar as dimensões da traição da esposa ao marido moribundo.

X – NOME DO FILME

Um homem andava pela rua quando escorregou e caiu sentado em cima de uma bala de menta.

- Qual é o nome do filme?

- O homem documentado.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br>,

03/05/08)

Essa piada tematiza a possibilidade de se ler de duas formas diferentes a sequência “documentado”, alterando a prosódia. Sobretudo, se o leitor não for um inveterado leitor de piadas, de início, tenderá a ler de forma global, não necessariamente pronunciando as palavras com a entonação provocadora de riso, produzindo uma cadência que diz algo convencional, muitíssimo sem graça, mas possível, pois a segmentação das palavras pode conduzir a isso. Contudo, para despertar a vontade de rir, a sequência de palavras deve ser pronunciada com uma dada inflexão – do/**cu**/mentado -, sendo segmentada em três partes, como se fossem três palavras distintas. Cabe, portanto, ao leitor, a descoberta do enunciado alternativo, para que ele possa apreender o que está sendo dito e achar que a forma inicial de dizer está despistando algo. Com um pouco mais de

atenção, ele privilegiará a segunda leitura, mais atilada, que lhe possibilitará achar graça e só, então, rir.

XI – CHOCOLATE PRO JOÃOZINHO

A professora tenta ensinar matemática para o Joãozinho.

- Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...

E o Joãozinho:

- Contente!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br>, 03/05/08)

O gatilho acionado para o humor dessa piada passa pela teoria a respeito de *scripts*, ou modelos cognitivos globais (KOCH e TRAVAGLIA, 1993 e 2002). De fato, o garotinho usou um script ou roteiro – uma sequência de falas adequadas a uma dada situação - e a professora outro. Ele estava pensando em si mesmo e no seu prazer. Seu raciocínio nada tinha a ver com matemática. Ele procurou uma palavra que expressasse sua satisfação, recorrendo a um item lexical de teor semântico adequado à proposta feita. Como ele ficaria **com.. contente** se a professora lhe desse chocolate hoje e amanhã. Já a professora estava usando o raciocínio matemático e tentava fazer com que Joãozinho conseguisse expressar declarativamente a quantia a ser obtida, querendo seguir o raciocínio seguinte: se eu tenho tanto + tanto, ficarei com = resultado do raciocínio aditivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que mesmo sendo curtas, as piadas não são textos fáceis de interpretar. Na verdade, envolvem os interlocutores em verdadeiros problemas de compreensão/interpretação, pois são exemplos de textos que possibilitam leitura

literal e não-literal. A base da interpretação, em geral, é gerada a partir de um elemento linguístico. Para a produção do humor faz-se imprescindível uma capacidade extra de “sacar” ambiguidades, produzir inferências..., como também conhecimento prévio de tipo enciclopédico, conhecimento interacional e, é claro, conhecimento da língua.

Ao utilizar as piadas em suas aulas, os professores de ensino fundamental e médio, além de aproveitar as investigações linguísticas de alguns autores brasileiros que se dedicam a seu estudo, como Sírio Possenti, vão poder analisar seu próprio potencial, ao produzirem materiais de ensino especialmente destinados a um dado tipo de aluno ou turma, aproximando-se e permitindo uma aproximação menos cautelosa do aluno das aulas de português e da linguagem, característica vital do ser humano. Com isso, alunos com dificuldades de ler e compreender/interpretar serão impulsionados a isso pelo riso e descontração que toda piada provoca.

READING OF JOKES: HUMOR AND COMPREHENSION/INTERPRETATION

ABSTRACT

The present work focus on the apprehension of humor and the human inclination for the comic. Actually, that theme can be approached in wide or restricted terms. In the wide sense, it is applied to the literature, word or text of every genre and type which has as its greater goal to amuse or to cause laughter. Here, the pretensions are very modest. The proposition is to analyze jokes and, for such, the present study is organized in two parts: first, it makes a description of the linguistic ingredients responsible for the humor; such ingredients become explicit later in the reading of the jokes selected for the investigation. Through the description of those triggers, the present study guides the interpretation of such textual genre, being anchored in the existence of an original, basic sense - the literal sense. Secondly, it is made the analysis of some jokes, becoming explicit the linguistic "trap" to be uncovered by the interpretative activity.

Keywords: Reading of jokes. Humor. Comprehension/Interpretation.

NOTAS

- ¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail para contato: dirleitoebe@yahoo.com.br. Fone: (51) 9673-0095.
- ² Doutora em Letras e Linguística pela PUC/RS. Professora da Graduação e do curso de Mestrado em Letras da UNISC.

REFERÊNCIAS

FLÔRES, O. C. *Ingredientes lingüísticos das piadas* IN: SOUZA, L. S.; CAETANO,

JORNAL ZERO HORA. Porto Alegre, 01 de outubro de 2007.

_____. Porto Alegre, 03 de setembro de 2007.

_____. Porto Alegre, 27 de novembro de 2007.

_____. Porto Alegre, 04 de abril de 2007.

KOCH, I. V; TRAVAGLIA, L.C. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo : Cortez, 2002

_____. *Coesão textual*. São Paulo : Contexto, 1993.

<http://www.piadas.com.br>. Acesso em: 03 de maio de 2008.

S. I. P. (Org.). *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas* – Tomo II. Canoas: Ed. ULBRA, 2004. p. 248.

POSSENTI, S. *Os humores da língua*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998 a.

_____. *Manuscrito "Ler uma piada"*. UNICAMP/CNPq, 1998 b.

PROJETO ARARIBÁ: *português*. Concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; 1 ed. SP: Moderna, 2006. p.117.

ZIRALDO. *Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã*. SP: Melhoramentos, 1998. p.13